

A MEMORIA DE RUI

RUBEM BRAGA

1732

Não conheço o sr. Pedro Calmon, nem sei de suas idéias políticas, mas devo dizer que sempre me desagradaram uns den-ques que ele mostra diante do sr. Salazar. Quero, entretanto, louvar a firmeza e dignidade com que se comportou durante o incidente da colação de grau dos bacharelados da Faculdade Nacional de Direito. Enquanto o esagrado de alguns profes-sores e muitos assistentes diante do discurso do paraninfo mani-festava-se apenas com a retrada da solenidade, ele nada po-deria fazer, a não ser lamentar o fato. Quando, porém, alguns mais exaltados quiseram interromper o discurso e agredir o ora-dor, ele agiu precisamente como devia. Embora perfeitamente contrario às idéias do professor Leonidas de Resende, fez ques-tão de que o bacharelado encarregado de ler o discurso do ve-lho professor doente levasse a leitura até o fim. E isso — acentuou — em homenagem ao espirito de Rui Barbosa, que se en-vergonharia da violencia e intolerancia dos que pretendiam aba-far a voz do orador.

Que o discurso do professor Leonidas de Resende era in-feliz, não tenho duvida. O llustre professor — figura extrema-mente simpatica, neste país de molezas, pela coerencia e digui-dade com que defende suas idéias, como demonstrou inclusive, sendo marxista, ao discordar de certas palavras de ordem do sr. Prestes quando este andava no apogeu da popularidade — me pareceu infeliz nas citações de Rui. Foi buscá-las em uma obra da mocidade, sem avisar que o mestre baiano, com o passar do tempo, mudou muito de tom e mesmo de idéias naquele assunto.

Já em 1898 em artigo para "A Imprensa", Rui era a favor das relações diplomaticas do Brasil com o Vaticano, que em "O Papa e o Concilio" considerava "anomalias anacronicas". Con-fessava que "neste particular, o juizo da mocidade cedeu em nós à reflexão da velhice". Embora se mantivesse firme em sua tese central da separação da Igreja do Estado, passou a olhar aquela com simpatia em face do que chamava "a incognita do socialismo e da anarquia" que começava "a assombrar os go-vernos mais fortes". Via então na Igreja, como ainda hoje fa-zem muitos descrentes, o "dique solido para se opór ao delirio das reivindicações sociais e o anarquismo".

Referia-se ao "valor incomensuravel, irrealizavel do ponti-ficado na solução da crise contemporanea" e via no catolicismo "o supremo elemento moral da nossa civilização" eliminado o qual "nada mais reataria nas nossas veias, que um misto con-fuso de instintos e paixões ingovernaveis". Falava de sua "po-derosa ação conservadora" e apontava na igreja uma "organiza-ção internacional capaz de arrostar a organização internacional do socialismo", que ele detestava.

Assim era Rui em 1898 e assim ficou até 1923, quando mor-reu depois de se confessar e receber os santos oleos. O professor Leonidas de Resende prefere certamente o Rui da mocidade, e eu seria o ultimo a censurá-lo por isso. O texto de seu discurso não foi publicado, mas, ao que consta, não há nele nada que desmanche a impressão falsa que suas citações poderiam dar a espiritos desprevenidos, do pensamento de Rui. A verdade é que este se assustava com as perturbações e revoluções sociais, cuja necessidade e justiça seu velho liberalismo não podia en-ender. Para ele, como para os reacionarios de hoje, socialismo era antonimo de liberdade, a ponto de antipatizar mesmo com "as tendencias do estado para regulamentar as relações entre patrão e o operario, o amo e o servical", vendo em um projeto que regulava a locação do serviço agricola, "uma diminuição da liberdade individual, um constrangimento incompativel com o trabalho verdadeiramente livre".

Assim era Rui: em materia de politica social antipatizava mesmo com a lei de oito horas... Dentro dos quadros de sua mentalidade ele teve um valor bastante alto, pela pureza de suas convicções e pela extraordinaria força e coragem com que se defendia contra o céu e a terra, para que mereca o nosso res-peito. Uma das formas de mostrar esse respeito é não deturpar seu pensamento nem tentar enfeitá-lo com as idéias que nós gostaríamos que ele tivesse tido — ou, como no caso presen-te — mantido.

Não há, entretanto, maneira pior de demonstrar desres-peito a Rui que a desses rapazes que tentaram agredir o ora-dor ou impedir sua leitura. Que a de um jornal que prega ho-je, em editorial, a conveniencia de a direção da Universidade "peliclar os discursos" dos paraninfos eleitos pelos alunos.

Mas dizem os jornais que a Policia estaria "por ordem do proprio presidente da Republica" procurando, para prender, o rapaz que leu o discurso. Veja lá o general Ontra em que anda metido o seu nome. Isso já não seria um desrespeito à me-moria de Rui: seria um achincalhe torpe, capaz de desperta-lo de seu tumulo para um ultimo e doloroso clamor de protesto: "Pelo amor de Deus, não me homenageiem mais!".